

A UTOPIA INDIANISTA DE GONÇALVES DIAS

The Indianist Utopia in Gonçalves Dias

Andrey Pereira de Oliveira*

Resumo: Partimos da “Introdução” de *Os Timbiras* para discutir a utopia indianista que orienta a poesia indianista de Gonçalves Dias. Analisando as alegorias do poeta maranhense, evidenciamos sua postura anticolonialista, a que se associam sua desconfiança no progresso – que é identificado com o “exterminio secular” produzido pela colonização – e um forte movimento nostálgico. Sendo a semente provinda da Europa a que envergonha e deturpa a sua nação, o poeta busca a recuperação dos primitivos tempos de sua linhagem americana, lançando-se, para tanto, em uma utopia indianista. Esta utopia indianista, mais do que apresentar uma postura restitucionista que proporia o passado americano como um modelo para o futuro da nação, apresenta-se com um tom resignado, desencantado, uma vez que o poeta, apesar de saudosista, sabe da irreversibilidade da história e reconhece a impossibilidade de recuperar o idílio perdido, do que resulta a sua visão trágica do mundo.

Palavras-chave: Gonçalves Dias; Poesia indianista; Brasil-Colônia

Abstract: This study begins with the “Introduction” of *Os Timbiras*, in order to discuss the indianist utopia which guides Gonçalves Dias’ indianist poetry. By analyzing the allegories of the poet from Maranhao, we perceive his anticolonialist stand, along with his mistrust of progress – which is identified with the “secular extermination” produced by civilization – and a strong movement of nostalgia. Since it is the very seed from Europe the one to shame and to distort his nation, the poet seeks the recovery of primitive times of his American heritage, plunging into an indianist utopia. This indianist utopia, apart from presenting a restoring attitude that proposes the American past as a model for the future of the nation, presents itself in a resigned tone, disillusioned, since the poet, albeit nostalgic, knows the irreversibility of history and acknowledges the impossibility of the lost idyll, which produces his tragic view of the world.

Key words: Gonçalves Dias; Indianist poetry; Brazil-Colony

* Professor da Universidade Federal de Campina Grande

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	-------------	------	------	---------------	-----------

1. Um manifesto indianista

Diferentemente Diferentemente de Gonçalves de Magalhães e de José de Alencar, Gonçalves Dias não concedeu espaço em nenhum prefácio de seus livros a uma discussão acerca do indianismo. Nem mesmo tomou partido em qualquer polêmica literária em que pudesse expor seus pensamentos acerca da questão. A relação intelectual do maranhense com os indígenas, portanto, limita-se à produção etnográfica e à produção poética, não tangenciando nem a crítica da literatura indianista, nem a promoção teórica da questão. O que de certo modo aproxima-se de uma espécie de “programa indianista” de Gonçalves Dias é a Introdução do poema épico “Os Timbiras”. Nessa Introdução – que na verdade assume uma função semelhante às da proposição e da invocação das epopéias clássicas – encontram-se alguns versos metalingüísticos acerca da poesia indianista. Apesar de tais versos, a princípio, dizerem respeito apenas ao poema “Os Timbiras”, podem, todavia, ser considerados como uma introdução a toda a poesia indianista de Gonçalves Dias, uma vez que seu conteúdo propositivo mostra-se coerente com o restante do conjunto dos poemas. Nesta Introdução, logo de início, o poeta expõe a proposta temática de sua epopéia:

Os ritos semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, e a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira. (...)
(DIAS, 1998, p. 505)

Os ritos dos piagas, a terra virgem, as festas e as batalhas do povo americano são os temas que o cantor anuncia, incluindo-se, desta forma, assim como as epopéias coloniais, na série indianista. No entanto, diferenciando-se daquelas, o poeta de “Os Timbiras”, ao invés de narrar os feitos dos heróis da conquista lusitana, inverte o ângulo de percepção de seu poema e se dispõe a cantar o povo americano. Esta inversão traz consigo a promessa de uma identificação entre o poeta épico e os indígenas, o que lhe possibilita observá-los despidido do preconceito eurocêntrico colonialista que

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

ditava os poemas anteriores, de modo que o índio deixa de ser apreendido como o antagonista do luso e passa a ser eleito o herói épico. No caso, um herói que no tempo presente da enunciação já tem perdido seu heroísmo e vaga, espoliado e sem rumo, à procura de asilo numa terra que antes pertencera a seus pais:

(...) – Evoco a sombra
 Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,
 Severo e quase mudo, a lentos passos,
 Caminha incerto, – o bipartido arco
 Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros
 Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
 Agora inúteis setas, vão mostrando
 A marcha triste e os passos mal seguros
 De quem, na terra de seus pais, embalde
 Procura asilo, e foge o humano trato.
 (DIAS, 1998, p. 505)

Claramente distinto da descrição hiperbólica das virtudes dos heróis dos épicos tradicionais, temos nesta introdução do poema uma espécie de herói decaído que acumula em sua descrição uma série de adjetivos negativos incompatíveis com o heroísmo tradicional: “torvo”, “severo”, “quase mudo”, “lentos”, “bipartidos”, “despidos”, “rota”, “triste”, “mal seguros”. Este não é mais visto como um ser invencível, nem como o “selvagem guerreiro”, mas apenas como uma “sombra” de algo que está, agora, arruinado, destruído, conservando apenas resquícios daquilo que já fora outrora. Essa imagem do selvagem guerreiro em situação deplorável, bem como a afirmação de que as terras em questão pertenciam por tradição e uso aos índios, anunciam de modo prospectivo já nos primeiros versos do poema o fim dramático destinado à raça indígena e deixam entrever o posicionamento do narrador frente aos europeus, que serão apontados direta e indiretamente como os causadores da destruição do universo indígena.

É importante observar que, assim como ocorre nos quatro principais poemas épicos escritos no Brasil-Colônia (*De Gestis Mendi de Saa*, de Anchieta; *Prosopóeia*, de Bento Teixeira; *O Uruguai*, de Basílio da Gama; e *Caramuru*, de Santa Rita Durão), “Os Timbiras” também traz já nos primeiros versos uma descrição dos nativos destruídos. A diferença consiste no fato de que aqueles viam em tal

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	-------------	------	------	---------------	-----------

cena a prova e prêmio da força do colonizador, enquanto que Gonçalves Dias, com resignação crítica, dela se valerá como elemento para um discurso de denúncia, não mais de louvação.

De uma forma geral, podemos afirmar que a poesia indianista de Gonçalves Dias opera uma inversão ideológica em relação aos valores estabelecidos nas obras coloniais da série indianista. A comprovar esta inversão, não se deve perder de vista que por trás da bela imagem relativa à religião cristã transcrita mais acima (“Donde como dum trono, enfim abriram-se/ Da cruz de Cristo os piedosos braços”) há um dos raros momentos irônicos da poesia indianista de Gonçalves Dias. Como se percebe ao se tratar de poemas como “O canto do piaga”, “O canto do índio” e “Tabira”, a intromissão da religião católica no universo indígena trouxe resultados catastróficos para os nativos, profanando seu sistema religioso e causando sérios conflitos entre as tribos, o que facilitou sua destruição, num caso típico de etnocídio cultural que promove o genocídio físico. Dessa forma, não pode ser outra a leitura dessa passagem do poema que não a de uma ironia que encobre na aparência d’“Os piedosos braços da cruz de Cristo” uma perversidade real.

Tomando-se a Introdução de “Os Timbiras” como um manifesto indianista de Gonçalves Dias, percebemos que o poeta maranhense propõe-se a seguir boa parte das sugestões que Ferdinand Denis expusera no “Resumo da história literária do Brasil”: põe de lado o maravilhoso clássico e a natureza árcade e promove o nativo e seu universo cultural particular a elementos centrais do poema. Além disso – e é o que mais deixa transparecer a assimilação do ensaísta pelo poeta – Gonçalves Dias não restringe seu canto indianista apenas à pintura idealizada do mundo indígena pré-cabralino. Como propusera o francês, o poeta faz refletir em sua poesia a tragicidade do encontro das duas raças, posicionando-se do lado do povo arruinado e tornando tema de denúncia o que antes, na poesia colonial, fora tema de louvação. A piedosa simpatia para com os nativos americanos, vítimas das atrocidades da colonização, que é um aspecto dos mais fundamentais da poesia de Gonçalves Dias, é evidenciado já na epígrafe extraída de René de Chateaubriand que encima as “Poesias americanas” dos Primeiros cantos: “Os infortúnios de um obscuro habitante das florestas teriam menos direito a nossas lágrimas que os

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	-------------	------	------	---------------	-----------

de outros homens?”¹

As narrativas do período colonial observavam no índio e em todo o seu complexo cultural um universo que deveria ser eliminado ou ao menos reestruturado para dar lugar a uma construção política e simbólica baseada nos pressupostos trazidos d'além mar. A poesia indianista de Gonçalves Dias, por sua vez, promove uma inversão desse discurso colonizador em favor de um discurso nacionalista maximamente identificado com a ancestralidade nativa: o mesmo universo indígena pré-cabralino que para os primeiros era algo a ser superado, para o segundo passa a ser positivamente evocado. Ao mesmo tempo, a estrutura colonial de visão e interesse europeus que legitimava o massacre dos nativos e que antes fora afirmada como positiva passa a ser negada pelo poeta romântico-nacionalista. Os versos abaixo são um fragmento de uma passagem dissertativa do Canto Terceiro de “Os Timbiras” (estrofes 5-7) bastante representativa da ideologia que embasa todo o conjunto das “Poesias americanas”:

As três formosas tabas de Itajuba
 Já foram como os cedros gigantescos
 Da corrente empedrada: hoje acamados
 Fósseis que dormem sob a térrea crusta,
 Que os homens e as nações por fim sepultam
 No bojo imenso! Chame-lhe progresso
 Quem do extermínio secular se ufana;
 Eu modesto cantor do povo extinto
 Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
 Que vão do mar aos Andes, e do Prata
 Ao largo e doce mar das Amazonas.
 (DIAS, 1998, p. 529)

Destacam-se nestes versos a postura nostálgica, antiprogressista e anticolonialista do poeta. Por meio do confronto entre o tempo pretérito (“já foram”) e o tempo presente (“hoje”), ele denuncia a destruição do universo indígena pré-cabralino, que é aqui metonimicamente representado pelas “três formosas tabas de Itajuba”. Essas tabas, além de formosas, ao serem comparadas aos “cedros

¹ Tradução nossa a partir do original francês: “Les infortunes d'un obscur habitant des bois auraient-elles moins de droits à nos pleurs que celles des autres hommes?” (CHATEAUBRIAND apud DIAS, 1998, p. 105).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

gigantescos”, tomam destes a robustez e a resistência. A esta descrição positiva do que fora a América opõe-se a percepção do presente, no qual dela só restam fósseis sepultados pelos homens e nações, apenas “vastíssimos sepulcros” onde o poeta põe-se a chorar.

Os versos “Chame-lhe progresso/ Quem do extermínio secular se ufana” são certamente os mais emblemáticos da postura anticolonial – e, portanto, nacionalista – das “Poesias americanas”. Tal descrença no progresso, assemelha-se às perspectivas de Rousseau e Herder, que defendem a tese de que a harmonia entre os homens teria tido seu apogeu em eras remotíssimas anteriores às organizações sociais e de que no decorrer dos tempos, os homens caminhariam para a própria ruína causada, entre outras coisas, pela secularização da sociedade e pela sua organização em princípios mercantis. Herder, em sua obra *Idéias para a Filosofia da História da Humanidade*, escreve atonitadamente: “E ainda se com tudo isso algum progresso fosse visível! Mas onde se revela ele na história? Nesta só se vê por toda a parte destruição, sem qualquer vislumbre de o que aparece de novo ser melhor do que o que foi destruído” (1984, p. 52). Quanto à poesia de Gonçalves Dias, dela depreende-se que foi o progresso tecnológico obtido pelo homem europeu que exterminou o passado pré-cabralino que miticamente se evoca. Por tal perspectiva, a colonização, ao invés de benefícios, trouxe o apocalipse, a completa destruição do povo nativo; e, por conseguinte, o progresso, do qual alguns se ufanam, é visto como sinônimo de “extermínio secular”, que cortara os anos de infância e impedira o desenvolvimento natural e venturoso da América²:

E nós!... sucamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! – que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande sublime

² Alguns poemas de Gonçalves Dias contrariam esta perspectiva que tende a imaginar um futuro glorioso para a América caso não houvesse entrado em contato com o homem europeu. Nesse sentido, ver os poemas: “O gigante de pedra” e “O índio”, que sugerem que, mesmo antes da chegada dos europeus, os nativos já estavam em um processo de decadência.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

Corres de pólo a pólo entre os dois mares
 Máximos do globo: anos da infância
 Contavas tu por séculos! que vida
 Não fora a tua na sazão das flores!
 Que majestosos frutos, na velhice,
 Não deras tu, filha melhor do Eterno;
 América infeliz, já tão ditosa
 Antes que o mar e os ventos não trouxessem
 A nós o ferro e os cascavéis da Europa?!
 Velho tutor e avaro cobiçou-te,
 Desvalida pupila, a herança pingue
 E os brilhos e os dotes da sem-par beleza!
 Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos
 Da mocidade em flor – às cãs e à vida
 Do velho, que já pende e já declina
 Do leito conjugal imerecido
 À campa, onde talvez cuida encontrar-te!
 (DIAS, 1998, p. 530)

Utilizando-se do condicional, o poeta projeta o futuro que aguardaria a América, caso esta, em seus anos de infância, não houvesse sido corrompida pelo “leite mau” do conquistador: sendo a “filha melhor do Eterno” e tendo sido criada bela e sozinha, livre, portanto, de qualquer contato nefasto, a América colheria no devir seus frutos majestosos. Ao invés disso, no entanto, coube-lhe os “destinos maus” trazidos pelo mar e pelos ventos: a submissão aos grilhões da Europa. O poeta ressaltando e desenvolvendo a oposição dos adjetivos “novo” versus “velho” das expressões “Novo Mundo” e “Velho Mundo”, faz sua denúncia através de uma alegoria que suporta a seguinte analogia: a América (Novo Mundo) está para uma jovem pupila desvalida, assim como a Europa (Velho Mundo) está para um tutor velho e avaro. Este cobiça a herança vasta e os dotes inigualáveis da pupila, que, fraca, cede às artimanhas do velho algoz. Como consequência, a jovem América, unindo-se, “no leito conjugal imerecido”, ao velho conquistador, teve sua mocidade entrelaçada à senilidade do outro, perdendo assim seu viço e seu futuro idílico, restando-lhe apenas o mesmo destino decadente e fúnebre do velho tutor (a velha Europa).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

Da má “união” entre a Europa e a América³ forma-se a nação do poeta. Esta é feita herdeira de uma maldição secular que busca expiar os crimes outrora cometidos por seus ancestrais europeus e que, pairando como “miríadas de sombras miserandas” a debochar de suas solenidades, seca seu orgulho de nação:

Aos crimes das nações Deus não perdoa;
Do pai aos filhos e dos filhos aos netos,
Por que um deles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição – contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solenes
Miríadas de sombras miserandas,
Escarnecendo, secar o nosso orgulho
De nação (...)
(DIAS, 1998, p. 529-30)

A nação não é retratada de modo ingenuamente idealizado. Pelo contrário, sua identidade resulta da soma problemática do opressor europeu, do profanado e destruído americano e do escravizado africano⁴:

(...) nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,

³ É importante não se perder de vista que, como bem aponta Maria Helena Rouanet (1999, P. 27), “(...) durante boa parte do século [XIX], não se acentuava muito a distinção entre ‘Americano’ e ‘Brasileiro’ – pois o que importava, acima de tudo, era marcar a diferença entre o ‘Velho’ e o ‘Novo’ Mundos”. Dessa forma, tanto nesta alegoria, quanto, de um modo geral, em todo o conjunto das “Poesias americanas”, o jogo de oposições flutua ora entre Brasil *versus* Portugal, ora entre América *versus* Europa, sendo raros os casos em que o poeta refere-se explicitamente e de modo exclusivo ao Brasil – o que só ocorre uma única vez, em “O gigante de pedra” – ou a alguma nação européia específica. No entanto, mesmo quando há estas referências específicas a algum país, este nunca é retratado em suas peculiaridades, sendo sempre tomado como uma metonímia da Europa, do Velho Mundo. Na alegoria em questão, portanto, as acusações à avareza e à cobiça do velho algoz apontam não só para a Europa de um modo geral, como também para Portugal em particular.

⁴ Os “escravos” referidos nessa passagem não são os índios, como ocorre em outros momentos das “Poesias americanas”, mas sim os africanos. Poucos versos antes dessa citação, lê-se: “Os sons freqüentes d’europeus machados/ Por mãos de escravos Afros manejados” (DIAS, 1998, p. 529).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

E por cimento a cinza profanada
 Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
 (DIAS, 1998, p. 530)

Nesta passagem, assim como na alegoria da jovem pupila corrompida pelo velho tutor, fica evidente a postura anticolonialista do poeta, que, em outro verso, assim aparece: “Não me deslumbra a luz da velha Europa” (DIAS, 1998, p. 530). A este anticolonialismo associam-se a desconfiança com o progresso – uma vez que, como já comentamos, este é identificado com os extermínios seculares da colonização – e o movimento nostálgico do poeta. Sendo a semente provinda da Europa a que envergonha e deturpa a floração de sua nação, o poeta busca a recuperação dos primitivos tempos de sua linhagem mais positiva, a da América, a “filha melhor do Eterno”, lançando-se, para tanto, em uma utopia indianista. Esta utopia indianista presente nas “Poesias americanas” de Gonçalves Dias mais do que apresentar uma postura restitutionista que proporia o passado americano como um modelo para o futuro da nação, apresenta-se com um tom resignado, desencantado, uma vez que o poeta, apesar de saudosista, sabe da irreversibilidade da história e reconhece a impossibilidade de recuperar o idílio perdido, do que resulta a sua visão trágica do mundo. É com esse tom resignado que Gonçalves Dias, com sua pena de historiador-etnógrafo-poeta, em uma passagem das “Reflexões sobre os Anais Históricos do Maranhão por Bernardo Pereira”, lamenta-se:

Imprevidência, resignação e heroicidade, eis o índio. (...) Tudo isto é o índio, tudo isto é nosso; e tudo isto está como perdido para muitos anos.// Sim, a escravidão dos índios foi um grande erro, e a sua destruição foi e será uma grande calamidade. Convinha que alguém nos revelasse até que ponto este erro foi injusto e monstruoso, até onde chegaram essas calamidades no passado, até onde chegarão no futuro: eis a história.// Convinha também que nos descrevesse os seus costumes, que nos instruisse todo esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mistérios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde viemos e para onde vamos,

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	-------------	------	------	---------------	-----------

convinha enfim que o poeta se lembrasse de tudo isto, porque tudo isto é poesia; e a poesia é a vida do povo, como a política é o seu organismo.// Que imenso trabalho não seria este! Mas também quantas lições para a política, quantas verdades para a história; quantas belezas para a poesia (DIAS apud PEREIRA, 1943, p. 121).

Seu programa indianista, como anseio nacionalista, constitui-se, portanto, da inversão da ideologia colonial e comporta tanto uma “utopia poética” de reviver e revalorizar os “mistérios do passado” de uma espécie de “idade de ouro” americana – ou seja, uma utopia indianista –, quanto uma denúncia da catástrofe da colonização. O poeta, reconhecendo em suas veias o sangue do nativo americano e do adventício europeu, sente-se o índio extraviado de seu éden, bem como seu próprio extraviador. As “miríadas de sombras miserandas” que, cobrando reparo, perturbam o poeta e sua nação identificam-se com a deplorável “sombra do selvagem guerreiro” por ele evocada no início de “Os Timbiras”. Ou seja, o poeta busca reconstituir todo o passado americano a partir de resquícios fantasmagóricos que tanto são uma saudade de sua origem nativa quanto uma espécie de remorso latente de sua porção européia. Este modo ambíguo como o poeta vê a si mesmo e, conseqüentemente, ao brasileiro, homem ambíguo por natureza, é evidenciado na passagem explicitamente anticolonialista em que denuncia a destruição da natureza americana pelos europeus:

Ali me sentarei meditabundo
 Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos
 Os sons freqüentes d’europeus machados
 Por mãos de escravos Afros manejados:
 Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
 Onde chorando a preciosa goma,
 Resina virtuosa e grato incenso
 A nossa incúria grande eterno asselam;
 Em sítio onde os meus olhos não descubram
 Triste arremedo de longínquas terras.
 (DIAS, 1998, p. 529)

Concomitante à denúncia da destruição ecológica praticada pelos europeus, o poeta faz uma auto-acusação de si e de seu povo: este,

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

passivo e complacente, não apenas possibilitara todas as ações nefastas dos colonizadores, como também, desdenhando da identidade nativa, deixara a si e ao seu território serem reduzidos a imitações grosseiras dos padrões europeus.

Os cantos indianistas de Gonçalves Dias aparecem, dessa forma, tanto como um meio de evocação do idílico passado pré-colonial e de recuperação da identidade do homem brasileiro com o nativo americano, quanto como meio de expurgo, em forma de denúncia, dos crimes da colonização. É, portanto, ao poder rememorador de seu canto que o poeta recorre a fim de se confortar com as lembranças de suas origens nativas, invocando os piagas para destes receber a força do canto capaz de fazerem novamente ecoar a voz e os feitos dos “filhos de Tupã”:

Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos
 A voz dos piagas teus um só momento
 Repetir; essa voz que nas montanhas
 Valente retumbava, e dentro d'alma
 Vos ia derramando arrojo e brios,
 Melhor que taças de cauim fortíssimo?!
 Outra vez a chapada e o bosque ouviram
 Dos filhos de Tupã a voz e os feitos
 E as pocemas de morte, (...)
 E só de os escutar mais forte acento
 Haveriam de achar nos seus refolhos
 O monte e a selva e novamente os ecos.
 (DIAS, 1998, p. 505)

Visto dessa forma, o poeta de “Os Timbiras” e de todo o conjunto das “Poesias americanas” coloca-se em sua utopia indianista como o velho timbira retratado na última parte de “I-Juca-Pirama” responsável pela perpetuação em seus cantos da memória dos bravos guerreiros de outrora:

Assim o Timbira, coberto de glória,
 Guardava a memória
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.
 E à noite nas tabas, se alguém duvidada
 Do que ele contava,
 Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”
 (DIAS, 1998, p. 392)

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

2. A “Canção do exílio” como utopia indianista

Já desde a “Canção do exílio”, poema que abre o conjunto das “Poesias americanas” dos Primeiros cantos, observa-se o programa indianista. Segundo Wilson Martins (1992, p. 351), esse poema trata da “melancolia do índio desterrado”. Mais do que um exílio físico que separa por uma distância espacial o eu-lírico de sua terra, há na famosa canção a aspiração ao retorno a uma pátria ideal que se confunde com o paraíso primitivo pré-colonial⁵. Lido dessa perspectiva, o poema não se reduz a um jogo de oposições entre Brasil e Portugal, em que o primeiro, pelas qualidades inigualáveis de sua natureza, é considerado superior ao segundo. Mais do que efetuar uma mera oposição espacial, os advérbios “cá” e “lá” assumem também um valor temporal que opõe “agora” a “antes”, sendo o “antes”, ou melhor, o “lá” idílico buscado pelo eu-lírico, não o Brasil do tempo da enunciação do poema, mas a América indígena anterior à colonização. Esta estaria metonimicamente representada principalmente pelos “sabiás” e “palmeiras”, ambos elementos inerentes à natureza americana. Enquanto o substantivo “sabiá” conserva o termo básico de sua etimologia indígena (sawi’a), o substantivo “palmeira” – principalmente nos versos “Minha terra tem palmeiras” – evoca a idéia de “Pindorama”, que, na língua tupi (pindó-rama), significa “a região ou país das palmeiras” (HOUAISS, 2001, p. 1489 e p. 2214). Neste último caso, é como se o poeta traduzisse para o português uma idéia da língua indígena, e, em seu bojo, seu próprio anseio indianista. Associar a expressão “terra das palmeiras” ao universo indígena era uma constante desde aos romances exóticos dos séculos XVIII e XIX. Em *Atala*, de René de Chateaubriand, autor do qual muito se serviu Gonçalves Dias, a expressão “pays des palmiers” é sempre utilizada para se referir à América indígena de cultura pré-colombiana. A própria *Atala* é denominada “la fille du pays des palmiers” (1996, p. 103).

Obviamente, esta leitura da “Canção do exílio” que a vê como

⁵ Outro crítico que vê a “Canção do exílio” como um poema indianista é Cassiano Ricardo. Suas justificativas, contudo, não coincidem com as de Wilson Martins. Cassiano Ricardo (1999, p. 83-4), além de afirmar que o poema alude à idéia de “Pindorama”, o que consideramos uma observação bastante plausível, extrapola, apelando para uma discussão um tanto gratuita sobre “tipos de saudade”, opondo a portuguesa à indígena e vendo no poema em questão uma saudade deste último tipo.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	-------------	------	------	---------------	-----------

um anseio de retorno a uma América idílica pré-colonial não exclui a outra mais corrente que nela percebe uma apologia do Brasil e uma atitude antilusitana. Antes, estas leituras se completam, pois, apenas conjuntamente apontam de modo pleno para o que afirmamos ser o programa indianista presente nas “Poesias americanas”: a identificação com a América idílica primitiva e a simultânea negação de valores europeus (luso-colonialistas). Isto se confirma ao se observar a manipulação procedida na epígrafe do poema:

Kennst du das Land, wo die Citronen blühn,
Im dunkeln Laub die Goldorangen glühn,
Kennst du es wohl? – Dahin, dahin!
Möchte ich... ziehn!

(Conheces a terra onde os limões florescem
Na escura folhagem as laranjas douradas ardem,
Tu a conheces bem? Para lá, para lá!
Eu gostaria... de mudar!)⁶

Esta é uma citação da primeira estrofe da “Canção de Mignon”, poema que se encontra no capítulo inicial do terceiro livro do romance *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (1796), de Johann Wolfgang Goethe. Tal citação, no entanto, não corresponde totalmente à estrofe do texto alemão, que assim se apresenta:

Kennst du das Land, wo die Citronen blühn,
Im dunkeln Laub die Goldorangen glühn,
Eis sanfter Wind vom blauen Himmel weht,
Die Myrte still und hoch der Lobeer steht,
Kennst du es wohl?

Dahin, dahin!

Möchte ich mit dir, o mein Geliebter, ziehn!

(Conheces a terra onde os limões florescem
Na escura folhagem as laranjas douradas ardem,
Um vento suave sopra do céu azul,

⁶ Tanto esta quanto a próxima são traduções literais nossas feitas a partir dos textos alemães, respectivamente, da epígrafe publicada em DIAS (1998, p. 105) e da primeira estrofe original de Goethe transcrita em KOTHE (2000, p. 153).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

O mirto está quieto, e alto o louro,
Tu a conheces bem?

Para lá, para lá!

Eu gostaria de contigo, ó meu amado, mudar!)

Como se percebe, Gonçalves Dias, ao se apropriar da estrofe inicial da “Canção de Mignon”, omite dois versos inteiros e parte de outro – aqui destacados pelo itálico –, e modifica a disposição de outros dois, unindo o quinto e o sexto versos do texto original de Goethe em um único. Com essas alterações, o poeta adapta a estrofe de Goethe aos interesses de seu próprio poema. A nova disposição gráfica dos versos, bem como a exclusão do terceiro verso do texto original, não parecem acarretar conseqüências significativas para a “construção” da “versão” de Gonçalves Dias. Já a supressão de parte do último verso retira da versão do brasileiro o comprometimento emotivo entre o enunciador e o enunciatário do diálogo esboçado na estrofe alemã. Dessas modificações, no entanto, a mais significativa é a omissão do quarto verso do texto original – “O mirto está quieto e alto o louro” –, pois, considerando-se a “Canção do exílio” uma espécie desenvolvimento ou resposta à indagação da epígrafe, a manutenção do “mirto” e do “louro” na flora da terra ansiada faria esta ser imediatamente identificada com a Europa, e mais ainda, com a Europa da tradição clássica greco-latina, o que entraria em contradição com o desenvolvimento da “Canção do exílio”. Ao mesmo tempo, essa supressão faz a “Canção do exílio” dialogar com os seguintes versos da Introdução de “Os Timbiras”: “Cantor modesto e humilde,/ A fronte não cingi de mirto e louro,/ Antes de verde rama engrinaldeia,/ D’agrestes flores enfeitando a lira” (DIAS, 1998, p. 506). Enquanto no épico, o poeta rejeita o simbolismo do “mirto” e do “louro” através de uma negação explícita, na canção, ele os rejeita olvidando-os. Por outro lado, enquanto no épico, o poeta identifica-se com o universo indígena tanto através da aproximação com a flora americana, quanto através da evocação direta da sombra do guerreiro nativo, na canção, esta identificação dá-se pela evocação dos elementos da natureza (fauna e flora), o que apenas indiretamente aponta para o homem nativo que teria vivido na “terra das palmeiras”.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------

REFERÊNCIAS

- CHATEAUBRIAND, François René (1996). **Atala, René, Les aventures du dernier abencérage**. Paris: Flammarion.
- DIAS, Antônio Gonçalves (1998). **Poesia e prosa completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- HERDER, Johann Gottfried (1984). **Idéias para a Filosofia da História da Humanidade**. In: GARDINER, Patrick (org.). Teorias da História. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 43-59.
- HOUAISS, Antônio (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- KOTHE, Flávio R. (2000). **O cânone imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- MARTINS, Wilson (1992). **História da inteligência brasileira**. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz. vol. 2.
- PEREIRA, Lúcia Miguel (1943). **A vida de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- RICARDO, Cassiano (1999). Gonçalves Dias e o indianismo. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **A literatura no Brasil: Era romântica**. 5. ed. ver e atual. São Paulo: Global. vol 3. p. 70-138.
- ROUANET, Maria Helena (1999). Nacionalismo. In: JOBIM, José Luís (org.). **Introdução ao romantismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 9-30.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 141-155
------	----------------	------	------	------------------	-----------